

Por onde se cruza o rio

*Derek Pardue**



Foto: O rio Acre (Derek Pardue, 2017)

Os acadêmicos e os legisladores historicamente têm compreendido migração como um “problema”. Intelectualmente, sabemos que isso acontece devido a uma preocupação humana com a transgressão. Atravessar fronteiras é transformador, complicado e considerado perigoso. Mas é também, como qualquer pessoa minimamente reflexiva e cosmopolita atestaria, edificante, educativo e vital. Pode-se argumentar que o conhecimento em si, ou o processo de saber, é por sua vez um ato de transgressão.

* Associate Professor in the Global Studies Department at Aarhus University, Denmark. Derek Pardue’s most recent book is an edited volume, *Sonic Signatures: Music, Migration and the City at Night* (Intellect/University of Chicago Press, 2023). More information on his academic profile can be found here: <[https://pure.au.dk/portal/en/persons/derek-pardue\(877987c9-d91a-49fb-a0cc-15a7ce023a7c\).html](https://pure.au.dk/portal/en/persons/derek-pardue(877987c9-d91a-49fb-a0cc-15a7ce023a7c).html)>.

Rios, como montanhas, florestas e desertos, frequentemente formam fronteiras naturais. O fluxo da água funciona como um campo, definindo a forma que demarca a terra bem como os ritmos temporais cotidianos da vida nesta terra. As pessoas apreciam se reunir às suas margens e, em tempos modernos, valorizam essas áreas como locais turísticos, onde há em geral uma brisa fresca, mesmo em lugares úmidos e abafados. O asfalto e o concreto refletem impiedosamente os raios do sol aumentando a temperatura, então, nos retiramos para “nosso” lado da natureza “neste” lado do rio. Consumo ostentoso. Casinos algumas vezes flutuam e canoas se alternam num ir e vir contínuo. A maior parte do tempo, a transgressão sobre o Rio Acre, separando o Brasil e a Bolívia (assim como o Brasil e o Peru em uma parte) nos dois sentidos, segue despercebida.

O relacionamento entre água, ecossistemas, seres humanos e animais é dinâmico. Sobem as marés, a demografia muda, cidades prosperam ou sofrem com a seca. Curiosamente, é a água do rio, materialmente a menos estática, a substância em constante movimento, dirigida pelas correntes e a que absorve o tempo inclemente e os resíduos de origem humana, a que também frequentemente deixa as marcas mais profundas numa cidade ribeirinha. Em Brasileira e em Epitaciolândia, no Brasil, assim como em Nova Orleans, Louisiana, Galveston, Texas, Estados Unidos; Winston, em Queensland, na Austrália, e no Distrito de Chikwawa, no Malawi, as pessoas apontam para as marcas da água nas paredes e falam em termos de antes e depois de enchentes.

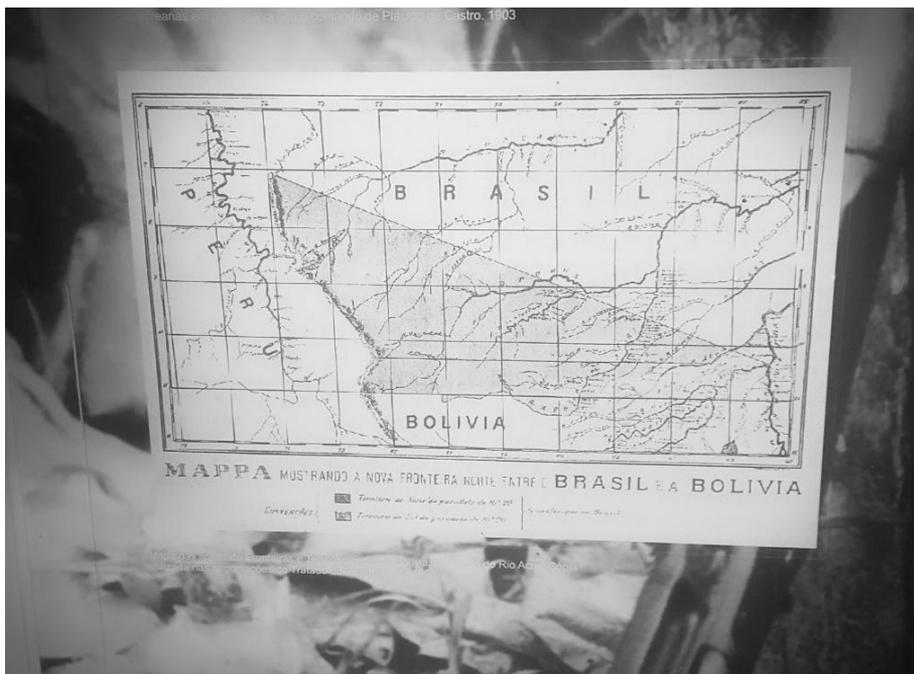
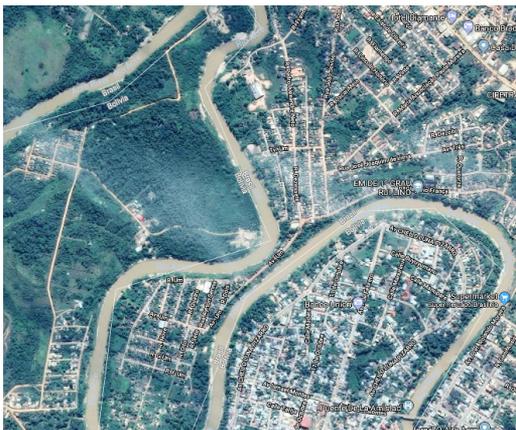


Foto: Mapa dentro da Casa de Chico Mendes (Derek Pardue, 2017)

Em 2012 e em 2015, enchentes destruidoras castigaram Brasiléia e Epiaciolândia, cidades-irmãs localizadas no estado do Acre, numa área que costumava ser parte da Bolívia até a chamada Guerra do Acre, de 1899 a 1903. Brasileiros de uma certa idade ainda se lembram do Acre como mero “território” do Brasil e não como um estado, que foi somente formalizado em 1962. A relação entre o social e a natureza é recíproca. Nós construímos a natureza socialmente dando sentido e, por sua vez, os contornos naturais influenciam o perfil social de uma cidade, de um estado, de uma nação e de uma diáspora. Por exemplo, a escritora haitiana-americana Edwidge Danticat, em seu romance *The Farming of Bones* e em seu conto “*Nineteen thirty-Seven*” (ambos ainda sem tradução no Brasil), narra com muita força a memória de violência e esperança incrustada na paisagem e, mais especificamente, no chamado “Massacre do Rio”(referindo-se ao Rio Artibonite localizado na fronteira norte, entre Haiti e a República Dominicana).

As enchentes foram particularmente perniciosas em Brasiléia e foi aqui que, coincidentemente, um centro de documentação federal foi aberto, para lidar com os dez mil haitianos que entraram no Brasil primariamente via Assis Brasil, um lugarejo 110 quilômetros a oeste de Brasiléia, na fronteira com o Peru.

A tensão era palpável. A história a seguir é baseada em uma curta visita a essa área de fronteira, em 2017, e tem foco nas entrevistas semiestruturadas com ‘personagens’ locais em Brasiléia. Apresenta o funcionário público local responsável pelos processos de entrada de imigrantes haitianos; uma família haitiana; e um ponto de referência local. A convergência das enchentes naturais e inesperadas com a imigração negra forjou amizades e revelou divisões sociais estruturais.



Fonte: Google Maps (edição, Derek Pardue)

O Rio Acre é um tributário estreito e sinuoso do Rio Purus, que por sua vez é tributário do Rio Solimões, um do braços no encontro entre o Rio Negro e o Rio Amazonas, na capital do Amazonas, Manaus. Nenhuma parte deste rio é totalmente reta. Só uns poucos conseguem “navegar” seu sistema, se é que há um, intrincado e imprevisível.

Harold, sua esposa e filho chegaram a Brasília em 2012, vindos de Port-au-Prince, seis semanas depois da primeira enchente. Ele tinha vivido e trabalhado na República Dominicana por um ano antes de chegar à América do Sul e podia falar espanhol o bastante para comunicar coisas básicas em português. Harold se destacou entre os outros haitianos que falavam espanhol porque tinha um sentido de lugar impressionante. Harold sabia onde estava exatamente em relação ao rio e aos vários grupos, aos quais ele foi designado ou sob o qual sua família foi classificada.

Harold tinha duas camisas. Ambas sempre impecáveis, como se passadas a ferro profissionalmente. Na primeira semana, a família morou com outros cinco haitianos em um quarto do Hotel Brasília, modesto ponto de referência da cidade de fronteira. Com capacidade para receber 60 hóspedes, os vinte quartos do hotel se tornaram a casa de mais de 300 haitianos por vários meses, em 2011 e 2012.

Harold conheceu Lauro em Assis Brasil, durante uma das primeiras visitas de Lauro à fronteira, onde ele assumiu suas responsabilidades como representante da prefeitura, junto à Polícia Federal. Os haitianos estavam chegando em números em uma quantidade nunca vista antes. O prefeito de Brasília, conhecido de longa data e amigo eventual de Lauro, o convidou para esta posição como oportunidade de se encontrar profissionalmente. Lauro se via como empreendedor natural com mente e língua igualmente afiadas. Ele se orgulhava de sua capacidade de abordar qualquer situação e ser capaz de enxergar além da superfície. Um cara boa gente e de fala direta, sem enrolações. Pode-se discutir se ele tinha ou não tais qualidades mas a realidade é que ele tinha fracassado como possível estrela do futebol, foi incapaz de prever algumas viradas nas tendências da agricultura durante os anos 2000 que afetaram negativamente uma série de altos investimentos, e deixava transparecer um ego insuportável quando bebia. Na última década, Lauro tinha prejudicado seriamente suas relações pessoais e profissionais na região.

“Eu sou falador. Sempre fui”, confessou Lauro a Haroldo logo depois das apresentações iniciais.

“Olha, eu sei o que você está passando. Eu joguei 10 anos de futebol profissional no Peru. Pode perguntar a qualquer um em Cuzco, Puno e até mesmo em Huancayo e Lima. Eles sabem meu nome. Ainda assim, sempre fui como um estranho lá. Aprendi a língua, fiz amigos, mas sempre dependia de alguém para me ajudar com as coisas. Tipo você neste momento, não é?”

Harold olha, atentamente, direto nos olhos de Lauro, na esperança de enxergar algum sinal. Em seguida, relaxa o olhar, se acomoda melhor na cadeira e olha de relance o agente de fronteira, em sua cabine, em papo preguiçoso com dois motoboys que esperavam pela próxima entrega. Um pouco mais distante, Harold vislumbrou uma fila de táxis, com cartazes feitos à mão colocados nos painéis, indicando o destino: “Brasiléia”.

“Certo. Nós precisamos de um protocolo e um outro documento que nos dê direito a usar o serviço de saúde. Eu li que o Brasil oferece isso. É por isso que estamos aqui. Direitos básicos. Nós somos do Haiti.”

“Claro que são. Eu sei que você não é peruano e com certeza não é boliviano. Olha, eu vivo e trabalho em Brasileia e você e sua família precisam ir até lá para ver tudo isso direitinho. Eu conheço a polícia lá e, na verdade, cuidar dessas questões de vocês aqui é minha função principal esses dias. Por que vocês não vêm comigo e escapam da roubalheira desses táxis? De você eles cobram ainda mais, pode acreditar! Eu vou mostrar pra vocês onde podem comer uma refeição decente e ter um lugar para ficar.”

O letreiro do “Hotel Brasiléia” tinha uma tipografia padrão e um anúncio cobria um terço da parede de entrada do estabelecimento. A fachada ostentava uma mistura de concreto – obtido por Lauro à custa de muita conversa e cerveja, de um primo seu empreiteiro – e uma porção de tijolos supostamente decorativos. De forma geral, o hotel sobrevivia financeiramente do turismo regional, baseado nos festivais anuais, e nas visitas periódicas de políticos de passagem e de ‘homens de negócios’, interessados em estreitar laços com Cobija, uma cidade maior na Bolívia, do outro lado do Rio Acre. Lauro se sentia parte do hotel, de sua história e de sua existência material. Todo mundo concordava que a localização era perfeita, adjacente à praça principal e a um bloco do centro comercial paralelo ao leito do rio, em uma das raras partes em que o curso seguia em linha reta. À época da primeira grande enchente de 2012, Lauro tinha parado de beber e percebido que as rachaduras na fachada do hotel simplesmente expressavam os conflitos familiares que tinham lugar do lado de dentro. No começo, Harold e as centenas de haitianos ocupando o hotel desviavam a atenção da cidade. Agora, porém, em retrospecto, fica claro que a presença deles revelava um outro tipo de ruptura na cidade e na forma como eles viam a si mesmos.



Foto: Albergue em Brasilândia (Derek Pardue, 2017)

Sabe o que parece quando centenas de negros estão andando por aí nas praças e parques da cidade? Deixa o povo nervoso. O que eles procuram? O que eles estão querendo? O que eles estão fazendo? Não gostamos de ver por aí um monte de gente que não tem uma ligação aparente com a cidade. (comentário de Lauro, ‘interpretando’ o que pensam os residentes da cidade)

Com mania de parafrasear a opinião popular, Lauro queimava as duas pontas da vela: por um lado, negociava incansavelmente mais lugares e maiores para os imigrantes haitianos ficarem e, por outro, supria a mídia e sua sede por manchetes lucrativas. Tudo ficou mais difícil com a enchente. Tudo parecia estar em fluxo. Lauro podia falar com qualquer um disposto a ouvir sobre sua situação. Numa ocasião, podia ser encontrado numa barraca de churrasco falando sozinho como se estivesse falando com todo mundo. “Os jornalistas do Brasil inteiro, alguns da Europa, o New York Times, a Al Jazeera estavam todos fascinados com a nossa ‘invasão’ de haitianos. Quem eram esses ‘africanos’ mesmo?”.

Quando as cheias vieram e massivos influxos de água permaneciam, os lírios d'água e outras plantas aquáticas floresciam, ou mais provavelmente, reconheciam uma expansão de seu habitat natural. Outros organismos demandam um maior nível de oxigênio, que é suprimido pelo excesso de água, ou são suscetíveis a fungos desconhecidos e tendem a apodrecer se deixados por muito tempo sob a água. Algumas tentativas de sobrevivência das plantas são inúteis e elas morrem. Pelo menos elas tentam se adaptar. Algumas vezes, parece que os humanos são os seres menos flexíveis neste meio.

No Haiti, Harold tinha sido um geógrafo profissional e em paralelo ainda ajudava a gerenciar uma pequena fazenda com algum sucesso. Nada fácil em um país que, por gerações, tem sofrido com a degradação do solo, uma herança da 'miopia' do colonialismo francês dos séculos XVII e XVIII. Harold entendia o valor da educação e, em poucos dias de sua chegada ao Hotel Brasília, perguntou a Lauro sobre como matricular seu filho Marc Pierre em uma escola.

"Matrícula? Isso é fácil, cara." Lauro se lembra bem do semblante de Harold da guarita da fronteira em Assis Brasil. Era um cara sério, um pai dedicado. "Olha, a Glória pode te ajudar com os papéis, certo Glória? Mas você vai precisar de material escolar. Espera uns minutos que eu te levo lá na papelaria, Eu conheço os donos."

A Papelaria Renata é uma empresa familiar e desde o começo se tornou o marco na avenida que margeia o rio e que leva o nome do prefeito "que trouxe o asfalto a Brasília" e iniciou o processo de urbanização moderna no início dos anos 60. Renata é a filha do "Doutor" Nilton, um amigo próximo do prefeito Rolando Moreira e um residente nativo e orgulhoso de Brasília. A cheia de 2012 afetou várias áreas da cidade mas, talvez mais visivelmente, atingiu essa área comercial. Preocupada com seu negócio e desiludida com a lentidão com que a cidade se recuperava, Renata decidiu mudar sua papelaria do pitoresco centro da cidade para uma área mais alta.

"Quem nós temos aqui, Lauro? Olha, camarada, seja lá o que esse cara te diga é mentira deslavada. Fica comigo que eu te digo o que é o quê", diz Renata que, sem conseguir segurar o riso, entregou que estava brincando e com isso quebrou o gelo com Harold.

"Lauro me disse que posso encontrar material escolar aqui. Meu filho tem 8 anos e começa segunda-feira na escola", explica Harold medindo as palavras de seu *portunhol*. Em poucas semanas, ele já tinha entendido várias diferenças linguísticas e foi gradualmente distinguindo melhor o português do espanhol.

Enquanto Harold olhava o estoque surpreendentemente grande e variado da papelaria, Renata puxou Lauro de lado.

“É legal da sua parte trazer o Harold aqui. Você sabe que a gente precisa de clientes e você sabe que eu não tenho problema com o Harold ou qualquer outro dos haitianos na minha loja. Tem um monte deles, eu sei disso. O que está me chateando são as reações de alguns dos nossos amigos. Gente que cresceu conosco. Você sabe de quem eu estou falando, não preciso dizer, ainda mais pra você. E não estou falando do zé-ninguém que tem boca grande e fica espalhando bobagem sem pensar. Não, falo de líderes da comunidade, Lauro! Tanta sujeira, racismo, xenofobia”.

“Eu lido com essas pessoas todo dia, Renata. Você não precisa me dizer. E isso está me deixando pra baixo. Não sei quanto tempo ainda aguento. As pessoas estão chocadas e não conseguem superar seus preconceitos. Esses caras estão gastando aqui, contribuindo para Brasília. E sabe de uma coisa? Eu estou tentando convencer alguns deles, como o Harold, a ficarem aqui e não se mudarem para Rio Branco ou Manaus ou mesmo, Deus me livre, São Paulo.”

As águas finalmente baixaram mas o antigo comércio nunca mais retornou ao que foi a vibrante Avenida Rolando Moreira, às margens do Rio Acre. Harold e a família dele se mudaram para Rio Branco por um período e de lá seguiram para o Balneário de Camboriú, em Santa Catarina, onde ele foi recrutado pela empresa de construção Imbrasul. Uma enchente ainda mais devastadora aconteceu em 2015 e, quando visitei a área em 2017, encontrei um haitiano que havia se envolvido com uma mulher da região, começou uma família e sobreviveu aos desastres naturais e aos insultos racistas.

No momento em que escrevo este pequeno ensaio, o foco da mídia se deslocou para Roraima, mais particularmente para a municipalidade de Pacaraima, localizada na fronteira do Brasil com a Venezuela. Mais de um milhão de venezuelanos deixaram seu país rumo a muitos destinos diferentes, incluindo o Brasil. Isso devido à falta de comida e à instabilidade política na Venezuela. Somos então lembrados que as rotas da migração mudam com a geopolítica do momento. Tal como as cheias e vazantes dos rios, a demografia humana é fluida. Este estado de coisas é historicamente mais natural do que perigoso. O conceito de “fronteiras” é um exemplo poderoso das interseções entre ambientes naturais e sociais que forjam e testam a humanidade em seus níveis mais básicos.